



Penélope mantinha-se fiel. Ulisses, seu esposo, desaparecera fazia mais de dez anos. Partira com seus homens para a guerra com Troia e, desde então, nunca mais dele se soube. Andava triunfante por terras distantes a inventar ardilosos cavalos de madeira que o infiltrassem dentro de muralhas alheias. Penélope mantinha-se fiel. Não importava se estava Ulisses morto ou desaparecido, a combater na guerra ou a procurar os escritores do amanhã. Sabia que casara com destemido guerreiro, respeitado pelos homens e agraciado pelos deuses, escolhido na terra e nos céus para completar as mais difíceis missões. Num dia combatia, no outro carregaria os livros do conhecimento. Podiam vir príncipes e reis, mercadores e magnatas. Penélope mantinha-se fiel e assim continuaria.

**MISANTROPIA  
ESCLARECIDA**

Ana Costa

Exemplar n.º :

Título: Misantropia Esclarecida  
Autor: Ana Costa  
Revisão: João Batista \* Livros de Ontem  
Capa e Paginação: Nádía Amante \* Livros de Ontem

©2014, Livros de Ontem  
Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

1ª edição: Outubro 2014  
Tiragem: 150 exemplares  
Depósito Legal:  
ISBN:

Livros de Ontem  
Rua João Ortigão Ramos, 34, 6ºF  
1500 - 364 Lisboa • Portugal

[www.livrosdeontem.pt](http://www.livrosdeontem.pt)



## *Prefácio*

*Os editores não escrevem prefácios*

Os editores não escrevem prefácios. Os editores editam, não escrevem prefácios. Sendo o prefácio uma espécie de preliminar, uma introdução que explica a obra nos seus motivos e processos, quem melhor que o editor para o escrever? O prefácio não é um juízo, tampouco uma peça de comunicação comercial. Não se avaliam narrativas, personagens, ideias ou outra qualquer medida que se invente para atestar a qualidade da obra. O prefácio é sobre tudo o que está antes e tudo o que está depois. O prefácio é o durante, o processo, o embrulho que envolve a escrita do autor. O prefácio conta-nos o porquê, do livro e do autor, conta-nos a história para além da estória, revela-nos a motivação do escritor e as cenas de bastidores que vão acontecendo desde a ideia original até ao livro na prateleira. Quem melhor que o editor para escrever o prefácio?

Eu estava lá quando o livro apenas era conjunto de poemas amontoados num ficheiro informático. Eu estava lá quando a autora tomou a iniciativa, aquela que tanto escasseia neste país escondido nas sombras, a iniciativa de expor a sua criação. Eu estava lá quando a espera se tornou angustiante, quando a resposta afirmativa finalmente chegou e quando o contracto de publicação, já assinado, abriu espaço para as duras críticas e para o renascer do texto, agora em obra. Eu também estava lá aquando das revisões e da reescrita,

aquando das aprovações finais e da realização das peças publicitárias que iriam mostrar ao mundo a Ana Costa, agora escritora. Eu estive sempre lá. Eu vi tudo, participei em todo o processo. Porque não poderia eu escrever este prefácio?

A Ana pediu, eu aceitei. Este texto, tal como esta obra, surgem inteiramente da vontade e da audácia da Ana Costa, brilhante poetisa, jovem escritora com um trabalho muito promissor. Enche-me de orgulho a possibilidade de editar, prefaciá-la e publicar este conjunto de poemas que vejo como uma pérola, uma lufada de ar fresco na poesia de língua portuguesa. Por obrigação de profissão e por gosto de espectador, leio muito e de muitos autores diferentes. É rara a escrita que me entusiasme tanto quanto a da Ana. Uma poesia precisa, sugestiva de imagens tão naturais quanto o inspirar do leitor, crua, cativa ao real. Mas nem só das palavras certas vive a obra. Mais que um bonito encadear de palavras, é fundamental um conceito, um fio condutor, uma ideia que cosa à lombada do livro os diferentes poemas que vão surgindo soltos em cada página. A Ana faz isso com uma mestria invulgar. Só mais tarde percebi que as suas influências têm raízes nos clássicos, nos filósofos, naqueles autores que primam pelo pensar. A Ana Costa faz-nos pensar. Uma poesia que agrega os poemas certos, nem mais, nem menos. Poemas que agregam as palavras certas, nem mais, nem menos. Uma obra que agrega os conceitos certos, nem mais, nem menos. *Misantropia esclarecida*

é assim, como se a autora estivesse a compor uma receita, escolhendo meticulosamente cada ingrediente, medindo com precisão de balança a dosagem de cada um. O resultado é um livro fabuloso, equilibrado, que conjuga na perfeição a urgência do pensar com a face mais hedónica da literatura. Um livro para ler e chorar por mais.

*João Batista*



**OPTIMISMO**

## *Teoria do vagão meio vazio, ou meio cheio*

Desfilam ante o meu pensar  
vagões vazios de existência,  
cheios do ar de sentir coisa nenhuma  
e de Razão mecanicamente cínica.

Uma viagem cautelosa, calculista e controlada talvez dure mais;  
mas não se compara à satisfação de encher o peito de mundo  
e, com o mundo, beijar a morte como boca alegre,  
partindo talvez cedo,

mas entrando em vagões plenos de tudo o que a alma implora.

Quem vive como poesia não tem fome:

alimentam-no e enriquecem-no o amor, sempre o amor,  
tão proscrito pelos viajantes dos vagões vazios, que vivem mais,  
mas tão belo para quem sabe respirar  
e não sorver apenas oxigênio.

## *Vaso*

Há alturas em que  
me olho ao espelho  
e o que vejo é alguém fraco,  
que não aguentaria  
um sopro de alma que fosse.  
Vejo como que um vaso  
sereno, mas estalado,  
pronto a partir-se a qualquer momento.  
Nesse vaso vejo uma flor  
a precisar, com desespero, de água,  
ar, paz, um pouco de sol,  
para que volte a levantar-se  
em todo o esplendor e, então,  
ganhar de novo o seu maravilhoso cheiro.  
O vaso, esse, normalmente,  
é forte e muito dificilmente se parte;  
É feliz, colorido e anima  
qualquer um que perca tempo a olhá-lo.  
Mas, como se de algo vivo se tratasse,  
abre de quando em vez a sua parte estalada,  
qual ferida, aumentando o risco de se partir.  
Então, espera um dia melhor,  
para voltar a fechá-la.